

✎ Paulo Varela Gomes
Departamento de Arquitectura, Universidade de Coimbra
Editor principal de MURPHY

MURPHY: À PROCURA DE HISTÓRIA E DE TEORIA DA ARQUITECTURA

A história da arquitectura, a história do urbanismo e a chamada teoria da arquitectura são áreas disciplinares presentes nas escolas superiores portuguesas. algumas revistas especializadas e outras menos especializadas publicam artigos com temas destas áreas. escrevem-se e publicam-se livros de história e teoria da arquitectura.

Mas, apesar do progresso que se tem registado em matéria de quantidade e qualidade de publicação, subsistem muitas dificuldades e atrasos.

Portugal é o sítio onde as bibliotecas universitárias das escolas de arquitectura ou de arte não assinam as duas melhores revistas de história de arquitectura do mundo, o *Journal of the Society of Architectural Historians* e os *Annali di Architettura* (antigo boletim do Centro Andrea Palladio de Vicenza). O sítio no qual existem há muito escolas de arquitectura e departamentos de história da arte mas só há meia dúzia de anos, se tanto, se começaram a publicar os primeiros livros ou artigos de história da arquitectura em termos metodológicos modernos. O sítio onde grande parte dos investigadores lê pouca bibliografia estrangeira e, sobretudo, lê-a à procura de informação sobre factos, sem qualquer preocupação de averiguar como se escreve em história da arquitectura ou da arte e que métodos de investigação e pensamento usam os colegas estrangeiros. O sítio onde os estudantes de licenciatura ou pós-graduação não são ensinados a escrever, a ler, a investigar e a publicar, e onde, por sistema, nas áreas de história da arquitectura e da arte, se publica desleixadamente e se escreve mal, de maneira rebuscada, sem precisão analítica nem vontade de comunicar.

De facto, no campo da história da arquitectura, os meios académicos portugueses ocupam uma posição ultra-periférica em relação aos principais centros de investigação do mundo, situados nos Estados Unidos, na Alemanha, na Itália, na Grã-Bretanha, em França e, cada vez mais, em Espanha.

Passa-se alguma coisa de muito semelhante nessa área nebulosa da teoria da arquitectura. Mas dá-se menos por isso porque predomina aqui uma escrita de tipo ensaístico, para a qual são absolutamente secundários os protocolos de comunicação e os métodos de investigação para-científicos que vigoram no campo da história. Deste modo,

✎ Paulo Varela Gomes
 Department of Architecture, University of Coimbra
 Editor

MURPHY: IN SEARCH OF ARCHITECTURAL HISTORY AND THEORY

Architectural and urbanism history and the so called theory of architecture are present in portuguese universities. specialized and non-specialized journals publish papers, books are written and read. however, in spite of recent advances in the quality and quantity of publications, important problems are still to be solved.

Portugal is a place where libraries at schools of architecture and of art do not subscribe to the two leading journals of architectural history: the *Journal of the Society of Architectural Historians* and the *Annali di Architettura* (formerly the bulletin of the Centro Andrea Palladio in Vicenza). It is a place where there have long been schools of architecture and departments of art history, but where the first methodologically modern books and articles on the history of architecture were only published in the last half a dozen years, if that. It is a place where most scholars read few foreign works, and when they do, they do so in search of facts, displaying scant concern for the ways in which architectural or art history are written, and little interest in the research methods and thinking of their foreign colleagues. Finally, it is a place where undergraduate and post-graduate students are not taught to write, to read, or to research and publish, a place where essays on architectural and art history are systematically published in a slipshod manner, using poorly-written and *recherché* language, lacking any analytical rigor and making no effort to communicate effectively.

In fact, in terms of architectural history, Portuguese academic circles are on the very outer periphery from the leading research centres in the world, which are located in the USA, Germany, Italy, the UK, France and increasingly also in Spain.

The same also broadly applies to the nebulous area called the theory of architecture, although the peripheral status is less visible due to the prevalent essay-style of writing. In this case, the communicability and academic research protocols usual in the field of architectural history are relegated to a completely secondary role. Consequently, the incapacity to communicate, the methodological obsolescence and the parochialism pass by unnoticed.

passa mais despercebida a inabilidade comunicativa, a desactualização metodológica e o paroquialismo de referências.

Este panorama desolador só começou a ser contrariado muito recentemente (há menos de uma década) por duas ordens de acontecimentos: o aumento exponencial do número de dissertações de mestrado e doutoramento em história da arquitectura, arquitectura e história da arte, resultando em alguns trabalhos actualizados do ponto de vista dos métodos e das referências (todavia, só muito poucos, nem uma dúzia, foram publicados). Em segundo lugar, passaram a existir algumas revistas especialmente viradas para a história da arquitectura ou a reflexão sobre a cultura arquitectónica – de que destacaria a *Monumentos* e a *Insi(s)tu*, respectivamente.

MURPHY apresenta-se como uma revista de história e teoria da arquitectura. Não é uma revista de história da arte e não é uma revista de arquitectura.

O debate sobre a existência de uma eventual especificidade da história da arquitectura em relação à história da arte não parece ser muito interessante. Aliás, é um debate que nem chegou a arrancar porque cedo se percebeu que as duas disciplinas pertencem, ambas, a um continente de conhecimento mais vasto, a história da cultura material, dentro do qual todas as sub-áreas se recortam e encontram.

Mais produtiva tem sido a discussão sobre a especificidade dos métodos de investigação em história da arquitectura e sobre a diferença entre a história da arquitectura “professada” e ensinada por arquitectos e historiadores para, respectivamente, arquitectos, nas escolas de arquitectura, e historiadores, nas escolas de história da arte.

Destaco alguns momentos desse debate – que tem tido lugar também em Portugal ainda que sem conclusões publicadas. Em Setembro de 1999, o *Journal of the Society of Architectural Historians* publicou um número especial dedicado ao enquadramento institucional da história da arquitectura. O dossier está dividido em quatro partes: a universidade, os museus e sítios históricos, as publicações, os lugares sob investigação (cidades, habitação, sítios sagrados). Colaboram nesse número muitos investigadores e arquitectos norte-americanos.

Em Janeiro de 2002 foi a vez da revista francesa *Les cahiers de la recherche architecturale et urbaine* publicar um número inteiramente dedicado à questão dos métodos em história da arquitectura editado por Sabine Frommel e com contribuições variadas e estimulantes (de P. Portoghesi a Robert Suckale, de Jean Guillaume a Claudia Conforti, de Joseph Connors a Antoine Picon, etc.).

Em Setembro do mesmo ano, o *Journal* deu início a uma série de três números contendo um excelente inquérito global ao ensino da história da arquitectura em escolas de cerca de três dezenas de países da Europa, da Ásia e da América – entre os quais não está Portugal (nem a Espanha).

Finalmente, o Institut National d’Histoire de l’Art francês e a Society of Architectural Historians norte-americana juntaram em Paris, no início de Setembro do corrente ano de 2005, cerca de duas centenas de investigadores de todo o mundo que, em dezenas de sessões temáticas decorrendo em simultâneo, discutiram as fronteiras cambiantes ou incertas (*changing boundaries*) da história da arquitectura nesta sua fase de transição metodológica. Fronteiras e passagem de fronteiras entre arquitectura, história, estudos visuais, estudos literários, antropologia, geografia, sociologia, ciências exactas, tecnologias.

This depressing situation only began to change very recently (less than ten years ago), and for two different reasons. One was the exponential increase in the number of master's and doctoral theses on architectural history, architecture and art history. This produced some works that adopted contemporary methodologies and references, although less than a dozen such works have been published to date. Secondly, journals that specialise in architectural history and culture came into existence: the most important of which are respectively *Monumentos* and *Insi(s)tu*.

MURPHY appears as a journal of architectural history and theory. It is neither an art history journal, nor an architectural journal.

The debate on the existence of the specific nature of architectural history vis-à-vis the history of art seems of little relevance. In fact, it is a discussion that has never really taken off, because it was soon realised that both subjects are part of a broader field of knowledge: the history of material culture, within which all the sub-areas overlap and combine.

In contrast, a more stimulating debate is taking place on the specificity of research methodologies in architectural history and on the difference between the history of the architecture as “professed” and taught by architects and historians respectively to architects in schools of architecture and to historians in art history schools .

I would like to highlight some moments of that debate, which has also taken place in Portugal, albeit without reaching any published conclusions. In September 1999, the *Journal of the Society of Architectural Historians* published a special issue devoted to the institutional framework of architectural history, involving contributions from many North American researchers and architects. The resulting dossier is divided into four sections: the academy, museums and historic sites, publishing, and sites of research (cities, dwellings, and sacred sites).

In January 2002, it was the turn of the French journal *Les cahiers de la recherche architecturale et urbaine* to publish an issue that was entirely dedicated to the question of methods in architectural history. It was edited by Sabine Frommel and included stimulating contributions from a wide range of authors, including P. Portoghesi, Robert Suckale, Jean Guillaume, Claudia Conforti, Joseph Connors and Antoine Picon, amongst others.

In September of the same year, the *Journal* started a series of three issues with an excellent global survey on the teaching of architectural history in some thirty European, Asian and American countries. Portugal was not included (nor was Spain for that matter).

Finally, in September 2005, the French Institut National d'Histoire de l'Art and the American Society of Architectural Historians brought together in Paris around two hundred scholars from all over the world. In dozens of simultaneous thematic sessions, the participants discussed the *changing boundaries* of architectural history during this phase of methodological transition, examining them and studying how to cross the borders between architecture, history, visual studies, literary studies, anthropology, geography, sociology, the exact sciences and technologies.

Inside Portugal, the departments of architecture at the universities of Coimbra and Minho organised two nationwide debates on the methods and teaching of the history of architecture. The first – the 2nd National Meeting of Architectural History, held at Curia in May 2002 – brought together lecturers from the schools of architecture in

Em Portugal partiram dos Departamentos de Arquitectura de Coimbra e do Minho duas iniciativas de debate nacional sobre os métodos e o ensino da história da arquitectura: o II Encontro Nacional de História da Arquitectura, que teve lugar na Curia em Maio de 2002 juntando docentes das escolas de arquitectura de Coimbra, Porto, Lisboa, Évora, de escolas de história da arte (Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Letras de Coimbra, Universidade do Algarve), além de representantes dos organismos oficiais relacionados com o património arquitectónico; e no mês seguinte, novo encontro nacional em Guimarães, reunindo docentes de escolas de arquitectura do Minho, do Porto, de Coimbra, de Lisboa, de Évora.

A história do urbanismo também vem ganhando autonomia disciplinar na universidade portuguesa e, contrariamente ao que continua a suceder no que diz respeito à história da arquitectura, não se verifica aqui qualquer atraso em relação à reflexão metodológica internacional. No entanto, continua a faltar a este campo de conhecimento a história das representações da forma urbana em imagem e texto que constitui parte importante da historiografia da cultura visual e urbanística em muitos centros universitários europeus e norte-americanos.

História da arquitectura e história do urbanismo não são, todavia, áreas consolidadas do ponto de vista epistemológico, nem em Portugal, nem fora de Portugal. Nenhuma área do conhecimento se pode gabar disso no início do século XXI. Mas a sua situação metodológica é infinitamente mais confortável que a da chamada teoria da arquitectura que constitui hoje um território de contornos indefinidos, ao ter perdido por duas vezes a certeza relativa do seu objecto (com o colapso da tratadística clássica durante o século XIX e do paradigma estruturalista depois da década de 1970). O melhor que se publica hoje nesta área está algures entre a tradição estruturalista ainda presente na *Architectural Research Quarterly* de Cambridge, a absoluta novidade que se exprimiu nos dez livros publicados entre 1993 e 2000 pela Anyone Corporation no quadro do projecto *Any (Architecture New York)* e publicações como a revista *October* do MIT e a revista dos estudantes de Yale, *Perspecta*.

Em Portugal e um pouco como em toda a parte – nisso não registamos atraso particular –, o ensino e a aprendizagem da história da arquitectura estão ainda no começo da sua clarificação metodológica. Nas escolas de arquitectura, pensa-se que história da arquitectura é a crítica analítica dos edifícios do passado como se fossem edifícios actuais. Nas escolas de história da arte, discutem-se alçados e plantas como se fossem imagens, juntando-lhes análises iconográficas ou a história da encomenda e do programa.

Para que a história da arquitectura e do urbanismo venha a existir é necessário tomar nota de que os currícula e métodos das escolas de história da arte não bastam. É preciso ser-se arquitecto ou ter uma sólida aprendizagem na análise dos métodos de representação arquitectónica actuais e passados, bem como no entendimento da relação entre programa, forma e função. Mas nas escolas de arquitectura, onde seria mais lógico que se formassem os historiadores da disciplina, em vez de se apostar na especificidade disciplinar, vigora um singular desprezo por quaisquer formas de escrita ou pesquisa rigorosa, e a ideia - errada - de que um arquitecto não deve especializar-se noutra coisa que não generalidades.

É absolutamente necessário que a universidade se empenhe na criação de cursos de pós-graduação nos quais os licenciados em arquitectura, em história da arte e noutras áreas recebam uma educação em métodos e teorias de investigação apropriados à história da arquitectura.

Coimbra, Oporto, Lisbon, Évora, and those from the art history schools at the New University of Lisbon, the Faculty of Arts in Coimbra and the University of the Algarve, as well as representatives of official bodies that work with architectural heritage. In the following month, another national meeting took place in Guimarães, involving lecturers from the schools of architecture in Minho, Oporto, Coimbra, Lisbon and Évora.

The history of urbanism has also gradually been winning its academic autonomy within the Portuguese university system. In contrast to the situation in architectural history, international methodological thinking has already been fully absorbed in this field of knowledge. However, the history of representations of the urban form in image and text, which makes up a significant part of the historiography of visual and urbanistic culture in many European and North American university centres, is still lacking.

Architectural history and the history of urbanism are not firmly established in epistemological terms, either inside or outside Portugal. Indeed, no field of knowledge can boast such a privileged position at the dawn of the 21st century. Nonetheless, in methodological terms, their situation is infinitely better than that of the so-called theory of architecture. Having twice lost the relative certainty of the subject – the collapse of classical treatises during the nineteenth century and the collapse of the structuralist paradigm in the 1970s – this is now an ill-defined territory. The best work currently being published in this area lies somewhere between the structuralist tradition that can still be found in the Cambridge *Architectural Research Quarterly* and the absolute novelty that was expressed in the ten books published between 1993 and 2000 by the Anyone Corporation, within the framework of the *Any (Architecture New York)* project, and in journals such as *October* (MIT) and *Perspecta*, published by Yale students.

Like almost everywhere else, the teaching and learning of the history of architecture are still in the early days of methodological clarification in Portugal – in this case with no discernible delay. In schools of architecture, it is commonly believed that architectural history means analytical criticism of buildings from the past as if they were contemporary structures, while in art history schools, elevations and plans are discussed as if they were pictures, adding a kind of side-order of iconographic discourse or of the history of the commission.

If architectural and urbanism history is to exist, we must realise that the curricula and methods used by schools of art history are not enough. One needs to be an architect or to have a sound grounding in the analysis of current and past methods of architectural representation, and to have an understanding of the relationship between design, form and function. The schools of architecture are the logical place for historians of this field to be trained. However, rather than concentrating on the area's specificity, the field is dominated by a tangible scorn for any form of demanding writing or research and the erroneous idea that an architect should not specialise in anything other than generalities.

It is vitally important for universities to make concerted efforts to create postgraduate courses so that students of architecture, the history of art and other areas can be properly trained in the methods and theories of research required by the history of architecture.

In turn, the situation of the so-called theory of architecture (the term “architecture studies” is unquestionably more appropriate) in universities is still more *sui generis*: each lecturer interprets the idea of theory in his own manner, with some insisting on historical studies, others on analysing the work of the Modern “masters”, and others

No que respeita à chamada teoria da arquitectura – a expressão estudos de arquitectura é definitivamente mais apropriada –, o que se passa nas escolas é ainda mais *sui generis*: cada docente interpreta a ideia de teoria à sua maneira, insistindo uns em estudos históricos, outros na análise da obra dos “mestres”, outros ainda na história das teorias, alguns, finalmente, em estudos de tipologia ou em análise arquitectónica estruturalista.

Um ponto que talvez fosse útil ter em conta é que, desde o desabamento final da normativa das ordens, no início do século XIX, a tarefa de pensar sobre a arquitectura se instalou no terreno da história.

História é o estudo e discussão de factos ocorridos, é o pensamento que se alimenta da notícia e dos vestígios desses factos (refiro-me a factos de projecto, de construção, de reflexão, ocorridos no passado ou no tempo presente). A história como horizonte de todo o pensamento da arquitectura, e não apenas como um dos resultados possíveis do estudo da arquitectura ou como “ciência auxiliar” obrigatoriamente presente no currículo vitruviano do arquitecto, ocorreu quando a arquitectura se tornou moderna, ou seja, quando aos factos arquitectónicos (as ordens, os tipos, os sítios, os materiais) foram atribuídos significados, deslocando-os do mundo medieval e renascentista do símbolo ou da alegoria para o mundo da representação moderna.

Num quadro cultural em mudança acelerada, MURPHY quer ajudar a consolidar novos hábitos de escrita, publicação e discussão da história e da teoria da arquitectura e do urbanismo. Passará algum tempo até que essa mudança se comece a verificar tanto na própria revista como na comunidade académica em geral.

Para o conseguir, MURPHY publicará artigos que, além de fazerem avançar o conhecimento que temos da arquitectura portuguesa, e além de contribuírem para a actualização da investigação que se faz entre nós nos campos da história e da teoria, procurem ter absoluta actualidade metodológica, sendo sensíveis às correntes internacionais do nosso tempo, em particular à reflexão sobre as relações da teoria da arquitectura e da história da arquitectura com a história da arte, a história urbana, a história da ciência, a história da cultura, a antropologia, a geografia, a filosofia, os estudos de cultura visual.

Para tal, é necessário que os investigadores escrevam e queiram publicar aquilo que escreverem. Sem actividade académica actualizada e persistente não há revistas académicas.

MURPHY acolherá contribuições de investigadores portugueses e não-portugueses. Publicando-se também em inglês, e sendo enviada gratuitamente a dezenas de centros de investigação em todo o mundo, a revista aposta na internacionalização do trabalho dos investigadores portugueses e na internacionalização dos assuntos da história da arquitectura e do urbanismo portugueses.

MURPHY é um desafio aos investigadores que partilhem a ambição de ultrapassar as dificuldades que têm justificado o atraso do trabalho académico em Portugal.

↔

working on the history of theories. Finally, some lecturers focus on typological studies or the structuralist analysis of architecture.

One point that may be usefully recalled is that the task of thinking about architecture was established in the field of history after the final collapse of the normative nature of the architectural orders at the start of the nineteenth century.

History is the study and discussion of facts that happened, the thinking that develops from the occurrence and subsequent traces of these facts. I am here referring to design facts, construction facts and theoretical facts that took place in the past or occur in the present. Seeing history as the horizon for all thinking on architecture - and not just as one of the potential results of studying architecture or as a "complementary science" that must be present in the architect's Vitruvian curriculum - came about when architecture became modern. In other words, it emerged when architectural facts (the orders, types, sites and materials) were attributed with meanings, moving them from the mediaeval and Renaissance world of symbols and allegories to the world of modern representation.

Within a cultural framework that is undergoing rapid change, MURPHY will try to consolidate new writing, publishing and discussing habits in the field of architectural history and theory. Evidently, it will take some time before this happens in the journal itself and within the academic community at large.

In order to achieve this goal, MURPHY aims to publish articles that not only bring advances in our knowledge of Portuguese architecture and help to update the research done among us in the fields of history and theory, but that also try to be perfectly up to date and aware of current international trends in methodological terms. This is particularly pertinent when reflecting on the relationship that links architectural history and theory with art history, urban history, the history of science, the history of culture, anthropology, geography, philosophy and studies of visual culture.

If we are to our objective, we need researchers to write and to publish what they have written. Without up-to-date and ongoing academic activity, there can be no academic journals.

MURPHY accepts contributions from Portuguese and non-Portuguese scholars, is also published in English and will be sent free of charge to dozens of research centres all over the world. Our aim in doing this is to internationalise the work of Portuguese scholars and simultaneously to internationalise the issues of the history of Portuguese architecture and urbanism.

MURPHY is a challenge to researchers who share our goal of overcoming the obstacles that have caused academic work in Portugal to fall behind.

~~+